

# Projeto de Psicologia Concreta e Psicanálise Existencial

[Project of Concrete Psychology and Existential Psychoanalysis]

Matheus Pereira Dias\*; Herivelto Pereira de Souza\*\*

**Resumo:** No texto *Crítica dos fundamentos da Psicologia* (1928) Georges Politzer (1903-1942) procurou investigar as bases epistemológicas de algumas correntes da psicologia. Sua intenção era reorientar os estudos psicológicos para uma concepção *concreta*. Mediante análise da Gestaltheorie, Behaviorismo e da Psicanálise, Politzer esboçou um *projeto de psicologia concreta* com alguns princípios que orientam possíveis perspectivas de estudos sobre os fenômenos psicológicos. Seus princípios consistem em estudar os fatos psicológicos sob o *prisma da primeira pessoa* e consideram o homem em seu *drama*. Apesar de ser húngaro, o autor trilhou seu caminho político e intelectual na França do século XX, época em que Jean Paul Sartre (1905-1980) se debruçou sobre os fenômenos psicológicos sob o prisma da *fenomenologia* propondo uma *Psicanálise Existencial* ao final de *O Ser e O Nada* (1943). Nesse sentido, neste escrito verificaremos em que medida a teoria sartriana pode contemplar os princípios de uma psicologia concreta de Politzer.

**Palavras-chave:** Filosofia francesa. Psicologia concreta. Psicanálise.

**Abstract:** In the text *Critique of the Foundations of Psychology* (1928) Georges Politzer (1903-1942) sought to investigate the epistemological bases of some currents of psychology. His intention was to reorient psychological studies toward a *concrete conception*. By analyzing Gestalt theory, Behaviorism, and Psychoanalysis, Politzer outlined a project of concrete psychology with some principles that guide possible perspectives of studies on psychological phenomena. His principles consist in studying psychological facts through the *prism of the first person* and consider man in his *drama*. Despite being Hungarian, the author walked his political and intellectual path in France in the 20th century, a time when Jean Paul Sartre (1905-1980) focused on psychological phenomena under the prism of *phenomenology*, proposing an Existential Psychoanalysis at the end of *Being and Nothingness* (1943). In this sense, we will verify to what extent the Sartrian theory can contemplate Politzer's principles of a concrete psychology.

**Keywords:** French Philosophy. Concrete Psychology. Psychoanalysis.

---

\*Mestrando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é bolsista CAPES (DS) e pesquisa as relações entre a Psicanálise Existencial e a Psicanálise freudiana. E-mail: p.matheusdias@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2697-4121>.

\*\*Professor do departamento de Filosofia da UnB. Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), com ênfase em Filosofia da mente, Epistemologia da psicanálise e História do pensamento italiano. Atualmente coordena o Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise do Centro-Oeste (Latesfip-Cerrado). E-mail: herivelto@unb.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9967-9766>.

## Introdução

Neste estudo apresentamos uma reflexão a respeito do projeto de uma psicologia concreta, iniciado por Georges Politzer em seu *Crítica dos fundamentos da psicologia* (CFP), publicado originalmente em 1928, mas jamais levado a uma conclusão. Como se sabe, o programa epistemológico delineado pelo autor consistia em uma enfática rejeição de todo um movimento que buscava anexar a psicologia ao campo das ciências físico-químicas, enquanto se vislumbrava os inícios de uma psicologia verdadeiramente científica em correntes como a psicologia da *gestalt*, o behaviorismo e a psicanálise, pois aí, a despeito das radicais diferenças teóricas, metodológicas e clínicas, era possível identificar uma inequívoca orientação para o concreto. Assim, o crivo do concreto e do abstrato servirá de orientação nas análises das implicações teóricas das doutrinas psicológicas, dos compromissos epistemológicos que elas fazem. Nesse sentido, será de particular interesse para a investigação de Politzer a obra freudiana, especialmente a novidade trazida pela hermenêutica dos fenômenos oníricos promovida pelo pai da psicanálise.

Interessa-nos retomar aqui as noções fundamentais que o pensamento politzeriano formulou para compreender a formação e o desenvolvimento de uma psicologia concreta, como a ideia de que as explicações devem ser formuladas a partir da perspectiva de *primeira pessoa*, e a concepção de que o sujeito só pode ser abordado em seu *drama*. No livro de 1928, essas noções são elaboradas justamente no contexto de um confronto com a psicanálise, no qual Politzer retoma aqueles que seriam os elementos centrais da ruptura que Freud teria instaurado com relação às abordagens dominantes da psicologia clássica. Buscaremos apresentar a leitura politzeriana da psicanálise freudiana como um dos inícios da virada propriamente científica da psicologia. Em seguida trataremos de avaliar as proximidades e distanciamentos que o projeto sartreano de uma psicanálise existencial possui com relação ao delineamento geral dos princípios de uma psicologia concreta. É bem conhecida a proposta de um “método específico” para investigar a realidade humana que Sartre apresenta ao final de seu livro mais importante, *O ser e o nada*: na contramão das explicações prevalentes no campo da psicologia, que seccionam a vida psíquica em feixes de tendências, condutas, desejos, a subjetividade singular deve ser compreendida e explicada tendo em vista seu caráter de totalidade, a qual se procede segundo projetos, que é como a existência se configura em um ser-para-si como o humano. Entretanto, menos nítidas são as implicações, por exemplo, clínicas dessa proposta. Embora a dimensão fundamental da liberdade implique uma

abertura que contrasta com a determinidade dos eventos naturais, uma psicanálise, empírica ou existencial, deveria ser capaz de fornecer perspectivas de deciframento de fenômenos subjetivos. Sendo assim, não é descabido que este trabalho tenha como objetivo aclarar a seguinte questão: até que ponto a psicanálise existencial se enquadraria nos moldes do projeto politzeriano de uma psicologia concreta? Tal inquietação moverá nossa reflexão nas linhas que seguem.

## Parte I – Noções Preliminares para uma Psicologia Concreta

Em linhas gerais, o projeto de Georges Politzer em CFP pode ser descrito como a apresentação de um diagnóstico epistemológico bastante severo acerca das ciências psicológicas: seus fundamentos repousam sobre uma persistente mitologia, a qual se trata, finalmente, de liquidar de uma vez por todas. Politzer defende que o momento histórico é o de uma ruptura decisiva que já se pode entrever:

Atualmente, a psicologia está no estado em que se encontrava a filosofia no momento da elaboração da *Crítica da razão pura*. Sua esterilidade é óbvia, seus procedimentos constitutivos dão nas vistas, e enquanto uns confinam-se numa escolástica impressionante por sua apresentação, mas que não progride de forma alguma, outros lançam-se em soluções desesperadas. Mas um sopro novo faz-se sentir: há o desejo de que toda essa história tenha acabado, mas recai-se constantemente nas fantasias escolásticas. Portanto, falta alguma coisa: *o reconhecimento claro de que a psicologia clássica nada é senão a elaboração nocional de um mito*. (POLITZER, 1928, p. 41)

É visando proporcionar esse reconhecimento claro que Politzer elabora um plano de fôlego para expor os compromissos da psicologia clássica com uma mitologia subjacente, enquanto apresenta em quais correntes de investigação psicológica uma abordagem efetivamente científica, isto é, explicativa e consequente do ponto de vista teórico, está em vias de se constituir. Temos, portanto, uma visão segundo a qual a história recente da psicologia enquanto disciplina supostamente científica não consiste na progressiva constituição de um corpo doutrinário ou na consolidação de uma estratégia metodológica profícua; ao contrário do que costumam mostrar os manuais, tal história não é a “de uma or-

ganização, mas a de uma *dissolução*”, a saber, “*a dissolução de mito da dupla natureza humana*” (POLITZER, 1928, p. 40).

Ora, o passo fundamental para a liquidação do mito que torna a psicologia cativa, refém de uma incapacidade explicativa insuperável dentro dos pressupostos assumidos, é a reconfiguração da concepção de ser humano, o que tem um impacto direto no modo como se compreende qual seja o objeto da ciência psicológica. A psicologia tem como objeto de pesquisa o ser humano, ou melhor, a *vida* humana. Por vida do homem, o autor compreende que “o termo ‘vida’ designa um fato ‘biológico’, ao mesmo tempo que a vida propriamente humana, *a vida dramática do homem*.” (POLITZER, 1928, p.43). O termo drama utilizado aqui tem uma acepção especial e não remete ao romantismo; segundo o autor “essa vida dramática apresenta todas as características que tornam uma área suscetível de ser estudada cientificamente” (POLITZER, 1928, p.43).

Ao se referir à vida dramática do homem, Politzer faz uma referência as cenas de filme ou de teatro, onde qualquer gesto ou atitude que alguém faça só será interpretada corretamente de acordo com o “cenário” em que ocorre a atitude. Ao mesmo tempo, para a melhor compreensão do sujeito em cena é necessário levar em consideração a história dele, pois fazer qualquer análise da ação de uma personagem, por exemplo, sem uma contextualização devida, ou seja, sem recorrer à cena ou aos “elementos contextuais” da vida do sujeito, é correr o risco de fazer uma análise vazia.

Nesse sentido, a noção de vida dramática será fundamental para distinguir concepções concreta de concepções abstratas dentro da psicologia, pois somente a vida dramática pode nos colocar em face do *homem concreto* em meio a realidade circundante. Assim, para que uma psicologia possa ser considerada concreta ela deve estar relacionada com seu objeto de pesquisa que é o homem concreto.

Politzer critica alguns psicólogos que não souberam se portar diante do seu objeto de estudo, que é o homem em sua vida dramática. Porém, ele pensa que Freud se portou de maneira diferente ao estudar os sonhos em *Traumdeutung*<sup>1</sup>, pois na interpretação dos sonhos, o pai da psicanálise combateu as teorias fi-

<sup>1</sup>Livro de Freud sobre a interpretação dos sonhos. Exemplar: FREUD, S. *Obras completas, volume 4: a interpretação dos sonhos (1900)*. Tradução Paulo César Souza. 1. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

siológicas do sonho que não reconheciam neste evento psíquico um processo regular da vida dramática do homem.

Ora, os psicólogos fisiológicos que estudavam os sonhos os consideravam como sendo produzidos por processos orgânicos irregulares, como se no momento do cochilo houvesse uma disfunção neural que ocasionassem os sonhos. Assim, nem se davam o trabalho de analisar o conteúdo dos sonhos de seus pacientes, pois para eles os sonhos eram desprovidos de qualquer *sentido*.

Para o idealizador do projeto de psicologia concreta, Freud defende um caráter positivo dos sonhos e acredita que eles possuem sentido, dado que, de acordo com Politzer:

É bastante evidente que Freud quer remediar precisamente esse defeito das teorias clássicas tentando mostrar que o sonho é um fenômeno *positivo*, uma formação psicológica regular que, longe de dever sua existência a uma debandada das funções psíquicas, explica-se por um conjunto de processos regulares e complexos (POLITZER, 1928, p.57).

Por *fato psicológico*, Politzer compreende que um fato só é psicológico se na base deste evento estiver *um sujeito que o realiza*. Assim, quando os psicólogos adeptos da teoria fisiológica do sonho colocam esse evento no âmbito dos processos orgânicos, eles acabam por tratar o sonho como algo meramente *mecânico*. Nesse sentido, o autor irá considerar que essa concepção aborda o sonho do ponto de vista *formal e abstrato*. “Formal porque não se concede atenção alguma à individualidade do sonho” (POLITZER, 1928, p.59) e “Abstrato porque o sonho e seus elementos são considerados *em si mesmo*, isto é, como se o sonho fosse um conjunto de imagens projetadas numa tela” (POLITZER, 1928, p.59).

Parece-nos que essa postura formal e abstrata adotada frente ao sonho encara esse processo psicológico de maneira apartada do sujeito<sup>2</sup>, pois trata-se de analisar o sonho do ponto de vista impessoal como um processo puramente mecânico e desorganizado. No entanto, quando Freud advoga pelo caráter psi-

---

<sup>2</sup>Tratando-se desta maneira, o sonho apartado do sujeito sonhador, perde-se qualquer aspecto psicológico que um fato mental possa ter.

cológico do sonho ele quer abordar esse fato em função do sujeito sonhador, isso implica que o sonho não seja um processo “autônomo”, mas uma dimensão da vida dramática do homem.

A teoria dos sonhos encontrada em Freud consiste em fazer uma *interpretação* dos sonhos com o objetivo de ligá-lo ao sujeito que sonhou, mas isso só é possível porque o psicanalista encara o sonho sob o prisma da *primeira pessoa*. Isto é, o sonho como um fato psicológico no sentido pleno do termo, que, de acordo com Politzer, tem por base um sujeito produtor do sonho, ou seja, um *eu*. Não obstante, tratar o sonho como um processo orgânico implica afastar-se do prisma da primeira pessoa e enxergá-lo sob a ótica da terceira pessoa. Sendo assim, portar-se frente ao fato psicológico sob o prisma da terceira pessoa é retirar toda individualidade e toda *ipseidade* que comporta o ato psíquico, ou seja, é recair em esquemas gerais e abstratos.

Segue-se que uma das premissas para um projeto de psicologia concreta é que “*os fatos psicológicos devem ser homogêneos ao ‘eu’ [e] só podem ser as encarnações da mesma forma do ‘eu’*” (POLITZER, 1928, p.66). Desse modo, Politzer acredita que Freud seguiu essa orientação na *Traumdeutung* quando postula que o sonho é a realização de um desejo<sup>3</sup>, ou seja, que o fato psicológico do sonho está diretamente vinculado a um “eu” desejante.

Ora, o que Politzer mais problematiza nas concepções clássicas da psicologia são as formulações teóricas que substituem os dramas pessoais por dramas impessoais, como é o exemplo das teorias fisiológicas que encaram os fenômenos mentais como simples processos orgânicos. Para ele essas teorias tendem a permanecer abstratas enquanto suas formulações não tiverem por base o indivíduo concreto da vida dramática.

Segundo Politzer, “o psicólogo [concreto] terá, então, algo de crítico de teatro: um ato sempre lhe apresentará como um segmento do drama que só tem existência no e pelo drama” (POLITZER, 1928, p.68). Assim, na *Traumdeutung*, Freud parece contemplar os pressupostos do drama e da análise em primeira pessoa, dado que sonho é constituído de sentido (processo regular da vida dramática do sujeito) e é causado por um desejo do sujeito sonhador (“eu” na

---

<sup>3</sup>Segundo Politzer, a última palavra de Freud na discussão é que “o sonho é sempre realização de desejo, porque provém do sistema inconsciente que não tem outra meta senão a realização do desejo e que não tem outra força senão a do desejo” (POLITZER, 1928, p.77).

base dos processos psicológicos).

Portanto, à primeira vista parece-nos que a psicanálise freudiana, sobretudo na interpretação dos sonhos, tem inspirações concretas. Resta-nos saber se Freud mantém a postura nas justificativas de sua teoria psicanalítica.

## Parte II – A Psicanálise Freudiana e o Projeto de Psicologia Concreta

A interpretação dos sonhos consiste numa metodologia que vai se afastar dos métodos de introspecção, Freud irá *interpretar* os sonhos a título de elucidar o vínculo entre o conteúdo do sonho e o sujeito que o sonhou. Tal postura adotada pelo psicanalista visa compreender a conduta humana e não uma suposta “vida interior” acessível a introspecção.

No entanto, para que seja possível uma interpretação, o sujeito analisado precisará fornecer os materiais básicos para que o analista possa interpretar. Sendo assim, será mediante o *relato* do sujeito que o analista encontrará os materiais necessários para atingir o indivíduo concreto da vida dramática e restituir o sentido do sonho. Dessa forma, “pelo uso do método do relato, Freud substituiu o ponto de vista da ‘intuição’ pelo do ‘comportamento’” (POLITZER, 1928, p.85).

Segue-se que, de acordo com Politzer, Freud não se deterá nas *significações convencionais* que o relato possa ter, para ele cada palavra ou expressão dita pelo sujeito não é mero acaso, *significa* algo do sujeito que a expressa. Assim, na interpretação dos sonhos aparecerá uma distinção entre o que o relato parece expressar e o que ele realmente expressa, que será identificado como *conteúdo manifesto* e *conteúdo latente*.

O conteúdo manifesto está relacionado com as significações gerais que acompanham as fórmulas verbais de um relato. Assim, é mediante uma *decifração* do conteúdo manifesto que o analista poderá acessar o conteúdo latente, sendo ele a *significação individual* do relato sobre o sonho. Dessa forma,

Freud gosta de repetir que a maneira como a psicologia clássica tem por hábito caracterizar o sonho, dizendo que ele é incoerente, fantasia, ilógico, em suma, desprovido de sentido, provém do hábito de consi-

derar apenas seu conteúdo manifesto (POLITZER, 1928, p.93).

Se tratando do conteúdo manifesto e do conteúdo latente, podemos compreender que o conteúdo manifesto contido no relato é uma espécie de dado “dissimulado” advindo do conteúdo latente. Por sua vez, para sair do campo das significações convencionais, ou seja, do conteúdo manifesto, e seguir em direção as significações individuais, é necessário decifrar os dados do conteúdo manifesto. Para tal empreitada, de acordo com Politzer, será necessário um “procedimento fundamental do método de Freud: as associações livres” (POLITZER, 1928, p.98).

Ora, mas tal procedimento acaba por recair numa dinâmica que não inclui o sujeito, pois quando se fala em associação livres subtende-se que as ideias se organizam de maneira “autônoma” e são expressas por meio do relato. Assim, não há vestígios de um eu que possa estar na base dessas ideias associadas. Desse modo, Politzer irá criticar este procedimento, pois “ao optar pelo procedimento associacionista, Freud abandona a inspiração de seu próprio método” (POLITZER, 1928, p.100) e faz um retorno às teorias abstratas da psicologia clássica.

Ao ir mais a fundo, Politzer se questiona acerca dessa “dissimulação” dos conteúdos latentes nos conteúdos manifesto. O questionamento que o move é: o que deve ser o psíquico para que possa acontecer essa *transposição* dos conteúdos latentes nos conteúdos manifestos de maneira não equivalente?

A partir de Politzer, o que se pode compreender da teoria freudiana é que o psíquico é dividido em *consciente*, *inconsciente* e *pré-consciente*. Ora, desse modo, os conteúdos manifestos são aqueles percebidos pela consciência, aqueles pensamentos expressados antes do processo analítico. O pré-consciente cumprirá o papel de *recalcar* ou de *censurar* os pensamentos para que eles cheguem à consciência, ou seja, se tornem conteúdo manifesto. Segue-se que, a ideia de um conteúdo latente, que não é equivalente ao conteúdo manifesto (dado que é necessário decifrar o conteúdo manifesto para aceder ao conteúdo latente), nos levará a hipótese do inconsciente na teoria freudiana. Os pensamentos latentes extrapolam o conteúdo manifesto e não são percebidos pela consciência – não são manifestados –, e por isso faz-se necessário a identificação dos conteúdos latente numa região psíquica inconsciente.

Acerca deste modelo de aparelho psíquico, Politzer dirá:

Freud comete o erro clássico: decompõe o ato do sujeito em elementos que estão, todos, abaixo do nível do “eu” e quer, a seguir, reconstruir o pessoal com o impessoal – ou, caso se prefira, faz hipóteses de estrutura, quando as hipóteses de estrutura lhe são proibidas, e as constrói conforme esquema realista, isto é, projetando na “realidade interna”, sob sua forma geral, o que só pode ser inserido para esclarecer o ato do sujeito (POLITZER, 1928, p.117-118)

A crítica de Politzer consiste em resguardar o fundamento da psicologia concreta que trabalha com noções em primeira pessoa. Primeiramente porque a hipótese de uma estrutura faz com que a teoria freudiana caia num *formalismo* e dissolva a individualidade do sujeito nos elementos *impessoais* do psíquico. Ou seja, fica no ar uma questão: onde estará o “eu” num aparelho psíquico com noções inconscientes, pré-consciente e consciente? Aparentemente tais noções sugerem que esses elementos psíquicos se articulem de maneira autônoma e mecânica. Isto é, “estamos diante de uma sucessão de sistemas ou de uma sucessão de processos impessoais, de processos em terceira pessoa” (POLITZER, 1928, p.128).

Em segundo lugar, não é porque o pensamento latente ultrapassa o conteúdo manifesto que essa condição implica numa região inconsciente onde se situa o conteúdo latente. Essa relação não é *necessária* e poderia ser compreendida como uma ignorância por parte da consciência sem implicar num inconsciente que aloja os pensamentos em sua totalidade. Nesse sentido, Politzer dirá que:

Consequentemente, *a ignorância só é uma prova do inconsciente quando considerada pela ótica do realismo*, isto é, unicamente porque não a consideramos como uma privação pura e simples – pois, nesse caso, não poderia provar presença alguma sob qualquer forma que fosse –, mas como relativa a uma ausência que não interessa ao psíquico todo, mas somente ao psíquico consciente. Deve subtender que o que é ignorado existe também realmente, mas, como não é consciente, deve ser inconsciente. Desse modo, a ignorância do sentido do sonho por quem sonha não é, considerada em si mesma, uma prova do inconsciente, só se torna “prova” indiretamente e graças à exigência realista (POLITZER, 1928, p.134)

Segue-se que, o que o autor critica nas justificativas de Freud é o formalismo por parte do aparelho psíquico atrelado ao realismo de entidades psíquicas abstratas. Dessa forma, a noção de inconsciente na teoria freudiana significa um retorno aos procedimentos realista, no sentido em que os conteúdos latentes (inconscientes) são *signos adequados* ao verdadeiro sentido do sonho que foi escamoteado pelo pré-consciente e manifestado de maneira “difusa” pela consciência. Assim, é por um *postulado da anterioridade do pensamento convencional* que o conteúdo latente tem uma precedência ontológica em face do conteúdo manifesto, este que é verdadeiramente o relato efetivo do sonho dado pelo sujeito. Portanto, o que de *fato* é fornecido pelo sujeito sonhador é o conteúdo manifesto, os conteúdos latentes são forjados pelos procedimentos psicanalíticos e hipostasiados anteriormente ao relato dado pelo sujeito.

É só esse postulado que explica por que Freud se sente obrigado a realizar, anteriormente ao relato manifesto, a significação decifrada de um dos seus termos, e que faz com que seja obrigado a postular um relato que não ocorreu efetivamente; como sem essa necessidade não há como chegar ao inconsciente dinâmico, encontramos na base dessa noção o postulado da anterioridade do pensamento convencional que constitui, de alguma forma, a força motora do realismo quando chega ao inconsciente (POLITZER, 1928, p.145).

Para Politzer, a noção de inconsciente está atrelada aos procedimentos da psicologia abstrata via realismo. Assim, por não se deter na concretude dos fatos, ou seja, ao relato efetivamente dado pelo sujeito, o psicanalista irá realizar um “relato adequado” nos conteúdos latentes que, por sua vez, se justificam numa “insuficiência do relato do sonho” para compreender o sentido onírico em sua totalidade. Desse modo, para uma psicologia concreta, o sonho não deve ser explicado por nenhum outro fenômeno exterior a ele<sup>4</sup>, “o ponto de vista concreto teria permitido relacionar tudo exclusivamente ao sonho, sem considerá-lo como algo *que não deveria normalmente ser o que é*” (POLITZER, 1928, p. 154). Portanto, a *hipótese* do inconsciente torna-se *postulado* na teoria psicanalítica à luz de procedimentos realistas e abstratos da psicologia clássica.

---

<sup>4</sup>O sonho é um fato psicológico pleno, isto é, um segmento da vida dramática do sujeito. A sua significação deve ser buscada no relato dessa vivência dramática do sujeito sonhador e não em outras realidades exteriores ao relato do sonho.

Apesar da psicanálise freudiana ter claras inspirações concretas, suas justificativas acerca do sentido dos sonhos retornam aos procedimentos abstratos da psicologia clássica. Entretanto, não nos cabe aqui fazer uma análise detalhada das implicações do inconsciente num projeto de psicologia concreta, apesar de Politzer ter feito tal reflexão. A proposta é apenas demonstrar como alguns procedimentos abstratos subsistem na teoria freudiana.

Ao considerar o sonho como processo psicológico constituído de sentido, segundo Politzer, Freud estaria de acordo com os fundamentos da psicologia concreta por qualificar o sonho como fato psicológico, ou seja, como uma modulação do “eu”. Entretanto, ao justificar os procedimentos analíticos do relato do sonho, o pai da psicanálise acaba teorizando uma estrutura psíquica com elementos impessoais, descrevendo “processos internos” como noções de inconsciente, pré-consciente e consciente que não tem vestígios de um “eu”.

Nesse sentido, apesar de Politzer falar de uma psicologia concreta a partir de críticas sobre algumas correntes da psicologia, ele nos deixa alguns fundamentos metodológicos de seu projeto, a saber: a interpretação dos fatos psicológicos em primeira pessoa e a consideração da vida humana sob o aspecto do drama. Veremos agora se a Psicanálise Existencial de Jean-Paul Sartre está alinhada com esses fundamentos metodológicos do projeto de psicologia concreta.

### **Parte III – Psicanálise Existencial e o Projeto Politzeriano**

Apesar de Sartre não fazer muita referência a Politzer<sup>5</sup> nos seus textos filosóficos, o projeto de filosofia existencialista do autor pretende-se concreto. O existencialista francês realiza um ensaio onto-fenomenológico para fundamentar sua teoria sobre a realidade humana. Entretanto, a obra do filósofo é demasiado extensa e não nos cabe exaurir a teoria por completo nesta reflexão, caberá, somente, nos deter na proposta de psicanálise existencial esboçada ao final de *O Ser e O Nada: Ensaio de uma ontologia fenomenológica* (1943).

Como o próprio nome já faz referência a teoria de Freud, é bastante claro que Sartre se inspirou no pai da psicanálise para propor sua análise existencial, embora sua fundamentação filosófica seja um pouco distinta da teoria freudiana.

---

<sup>5</sup>Sartre faz uma breve menção a Politzer no final de *O Ser e O Nada* acerca da crítica que o filósofo húngaro tece sobre a liberdade em Bergson. Cf. (SARTRE, 2015b, p.673).

O objetivo da psicanálise existencial também é decifrar os comportamentos humanos, mas há alguns métodos diferentes entre ambas as teorias que serão apontados no decorrer da reflexão.

Ambas as psicanálises consideram o ser humano como uma historicização perpétua e procuram descobrir, mais do que dados estáticos e constantes, o sentido, a orientação e os avatares desta história. Por isso, ambas consideram o homem no mundo e não aceitam a possibilidade de questionar aquilo que um homem é sem levar em conta, antes de tudo, *sua situação* (SARTRE, 2015b, p.697. Grifo nosso)

Ora, aqui Sartre menciona a convergência entre as duas vertentes psicanalíticas porque ambas consideram o homem em situação. A situação que Sartre está a falar diz respeito a realidade circundante do homem como sua *facticidade* (o que não está no domínio da escolha humana), como é o caso de seu nascimento, de sua família, nacionalidade etc. Ou seja, são *condições socio-materiais* que o sujeito está submetido e suas ações só podem ser decifradas corretamente se levarmos em conta essa situação.

Em alguma medida essas considerações do homem-em-situação fazem convergência com a perspectiva do homem em sua vida dramática. Em nenhuma vertente psicanalítica tomaremos o sujeito apartado de sua realidade, ou seja, o homem fora de sua vida dramática. Nesse sentido, a proposta sartriana também está em consonância com uma das premissas de um projeto de psicologia concreta ao trazer essa noção de homem em situação.

No entanto, Sartre vai explorar essa condição do homem em situação para fazer uma aproximação do seu método com o *materialismo histórico-dialético* de Karl Marx (1818-1883). Em seu texto *Questão de método* (1957) que precede a *Crítica da Razão dialética* (1960) no mesmo livro da edição brasileira, Sartre aborda o método pelo qual pretende analisar as condutas humanas sem cair numa teoria *idealista*. O autor não quer, por um lado, recair num subjetivismo e, por outro lado, não quer cair num objetivismo absoluto.

Segue-se que, dado a noção de homem em situação, o existencialista fundará seu método sob dois prismas analíticos concomitantes. Ora, é preciso analisar *ao mesmo tempo* o contexto histórico material que se insere o sujeito (estruturas históricas e determinações socio-materiais) e o homem no meio de sua

realidade circundante (subjetividade em meio a objetividade). Assim, ele dirá que o marxismo é uma filosofia insuperável de seu tempo<sup>6</sup> porque permite posicionar o homem nos fatos históricos.

Porém, Sartre fará uma crítica ao marxismo de sua época, o qual ele considera *idealista*. Ele dirá o seguinte:

O marxismo idealista parece ter escolhido a interpretação mais fácil: inteiramente determinado pelas circunstâncias anteriores, isto é, em última análise, pelas condições econômicas, o homem é um produto passivo, uma soma de reflexos condicionantes (SARTRE, 2002, p.73).

Dessa maneira, o existencialista está criticando os teóricos que fizeram da subjetividade humana um produto da situação, isto é, retiraram o aspecto humano e singular do sujeito em situação e o trataram como “coisas entre coisas”.

É por conta desta simplificação nas interpretações marxistas de sua época que Sartre reivindicará o existencialismo de Kierkegaard (1813-1855) para preencher essa lacuna subjetiva do homem em situação. Com uma apropriação crítica da teoria de Kierkegaard, o existencialismo sartriano se desenvolve à margem do marxismo. Dessa maneira, seu método terá dois prismas concomitantes de abordagem das condutas humanas: por um lado vai analisar a situação concreta do homem à luz do marxismo e, por outro lado, analisar a *vivência* do sujeito em meio a realidade circundante sob a luz do existencialismo.

Recusamos a confundir o homem alienado com uma coisa e a alienação com as leis da física que regem os condicionamentos de exterioridade. Afirmamos a especificidade do ato humano que atravessa o meio social, conservando-lhes as determinações, e que transforma o mundo na base das condições dadas. Para nós, o homem caracteriza-se, antes de tudo, pela superação de uma situação, por aquilo que consegue fazer do que foi feito dele, embora nunca se reconheça em sua objetivação (SARTRE, 2002, p.77).

---

<sup>6</sup>[O marxismo] continua sendo, portanto, a filosofia de nosso tempo: é insuperável porque as circunstâncias que o engendraram ainda não estão ultrapassadas (SARTRE, 2002, p.36).

Segue-se que, Sartre quer devolver a particularidade humana nas análises históricas do homem, isto é, a dimensão subjetiva em meio a objetividade circundante. No entanto, ele quer fazer isso sem banir o condicionamento da situação em relação ao sujeito e, também, sem reduzir o sujeito ao produto das condições socio-materiais. Nesse sentido, o autor qualificará seu método como *heurístico*, pois não se trata de uma metodologia fechada, mas sim de uma abordagem que nos possibilita descobrir meios de compreender as condutas humanas.

Diferentemente de Freud, a psicanálise existencial utilizará a *biografia* para compreender as condutas tomadas diante das situações em que o sujeito esteve ou está inserido. Dessa maneira, o existencialista nomeará seu método como *regressivo-progressivo*, pois “este determinará, progressivamente, a biografia (por exemplo), aprofundando a época, e a época, aprofundando a biografia” (SARTRE, 2002, p.104). Como diz o autor, é um método de “vaivém” que toma o sujeito em situação pela ótica do existencialismo e do marxismo.

No entanto, será que podemos considerar essa abordagem de que “as ações do homem que devemos estudar não podem ser reduzidas a essas significações abstratas, a essas atitudes impessoais” (SARTRE, 2002, p.105) convergente com o que Politzer designa como perspectiva em primeira pessoa?

Ora, se a tentativa de caracterizar um ato singular, uma subjetividade humana que não se dissolve em meio a objetividade do contexto material, pode ser considerada uma análise em primeira pessoa, tendemos a dizer que Sartre converge com Politzer nesse sentido. Porém, se a perspectiva em primeira pessoa consistir em atribuir um “eu”, ou seja, um Ego na base das condutas humanas, já não podemos dizer que Sartre estaria alinhado com a perspectiva em primeira pessoa.

Vejam os motivos e se a psicanálise existencial pode ser considerada uma corrente concreta da psicologia.

## Considerações Finais

Em outro texto<sup>7</sup>, Sartre procurou definir os fundamentos da *consciência* humana através da corrente filosófica intitulada de *fenomenologia*, tendo como um dos grandes expoentes deste pensamento o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938). Assim como fez com Kierkegaard, o autor francês não apreendeu esta corrente filosófica de maneira passiva, Sartre utilizou-se do pensamento fenomenológico criticamente em relação ao Husserl.

Em *A transcendência do Ego* o existencialista esboçou os princípios de sua filosofia e uma das premissas estipuladas neste texto foi: “a consciência se define pela intencionalidade, pela intencionalidade ela transcende a si mesma, ela se unifica evadindo-se” (SARTRE, 2015a, p.21). Desse modo, o autor se apoiou firmemente no conceito de *intencionalidade*<sup>8</sup> para retirar todo e qualquer *conteúdo* da consciência. Isto é, para Sartre todo objeto está *para* a consciência e não *na* consciência.

Segue-se que, para Sartre o “Eu é produtor de interioridade” (SARTRE, 2015a, p.20) e por ser definida pela intencionalidade, isto é, este movimento de ir em direção a...; direcionar-se para...; a consciência não é constituída de um Eu em seu primeiro modo de ser (*irrefletido*). A consciência é “pura e simplesmente consciência de ser consciência desse objeto” (SARTRE, 2015a, p.23), *translúcida*. Assim, Sartre não admitirá uma região inconsciente na mente porque essa noção rompe com o princípio de translucidez da consciência, tornando-a *opaca*. Além disso, uma região inconsciente tal como Freud a concebe assume um papel psíquico determinante, o que Sartre procurará evitar em sua filosofia teorizando uma consciência que se limita por si própria tal como a substância de Spinoza<sup>9</sup>.

Não nos cabe aqui demonstrar como se dá a constituição de um Eu na teoria sartriana, basta apenas assinalar que a consciência humana não é constituída de conteúdo, muito menos um Eu, e todo e qualquer objeto está *para a consciência e não na consciência*. Assim, encarando a perspectiva da primeira pessoa do projeto politzeriano como um processo psicológico que deve ter um “eu” em sua base, a teoria sartriana não converge com essa premissa do projeto de

<sup>7</sup>SARTRE, J-P. *A transcendência do EGO: esboço de uma descrição fenomenológica*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

<sup>8</sup>Mover-se em direção a... ir em direção a...

<sup>9</sup>SARTRE, 2015a, p.22.

psicologia concreta porque a consciência humana em sua base é *pré-pessoal*.

Não obstante, com essa definição de consciência intencional, Sartre quer rejeitar qualquer tipo de interioridade ou vida interior. E, nesse sentido, ao final de seu livro, Politzer dirá que “a psicologia concreta é uma psicologia sem vida interior. Eis uma virtude verdadeiramente fundamental da psicologia concreta;” (POLITZER, 1928, p.189). Portanto, sob este aspecto de rejeitar noções que remetem a vida interior, Sartre e Politzer convergem a propósito de um projeto concreto de psicologia.

A despeito das teorias que vão ao encontro de um projeto de psicologia concreta, tanto Freud quanto Sartre se alinham com a análise do homem em sua vida dramática ou do sujeito em situação. Sartre pode divergir de Politzer pela conceituação distinta de consciência e subjetividade, mas ambos os autores criticam as teorias idealistas, abstratas e mecânicas em prol de uma teoria que consiga recuperar a pessoa concreta da vida real.

Portanto, a psicanálise existencial pode ser considerada um projeto de psicologia concreta, muito em função de suas críticas as teorias mecânicas e abstratas, mas ela não se enquadra totalmente nos moldes de um projeto de psicologia concreta idealizado por Politzer em função de sua fundamentação fenomenológica da consciência.

## Referências

- BORNHEIM, G. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FREUD, S. *Obras completas, volume 4: a interpretação dos sonhos (1900)*. Tradução Paulo César Souza. 1. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MOURA, C. *Psicanálise Existencial, Existencialismo e História: a dimensão socio-material e autenticidade no processo de construção de si*. Curitiba: CRV, 2017.
- MOUTINHO, L. *Sartre: psicologia e fenomenologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Trad: Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira e Silva. 2ª. Edição. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2004.
- SARTRE, J-P. *A imaginação*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: LPM, 2019.
- \_\_\_\_\_. *A Transcendência do Ego: Esboço de uma descrição Fenomenológica*. Tradução de João Batista Kreuch. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015a.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da razão dialética (Tomo I): precedido por questões de método*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira; apresentação da edição brasileira, Gerd Bornheim. Rio de Janeiro: DPA, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Esboço para uma teoria das emoções*. Tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS: LPM, 2019.
- \_\_\_\_\_. *O Imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação*. Edição revisada e apresentada por Arlette Elkaim-Sartre. Tradução de Monica Stahel. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- \_\_\_\_\_. *O ser e o Nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdígão. 24. ed. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015b.

**Recebido:** 29/03/2022

**Aprovado:** 10/04/2022

**Publicado:** 30/04/2022

